

Ecologia das violências contra mulheres praticadas por parceiros íntimos[†]

Leides Barroso Azevedo Moura[‡]
Ana Maria Nogales Vasconcelos[§]
Lenora Gandolfi

Resumo

A pesquisa teve como objetivo dimensionar, de maneira exploratória e descritiva, as violências por parceiros íntimos contra mulheres de 15 a 49 anos residentes numa localidade da área metropolitana de Brasília, no Distrito Federal. Este artigo apresenta a prevalência de violências psicológica, física e sexual praticadas por parceiros íntimos nos últimos 12 meses da vida das mulheres selecionadas. O delineamento do estudo foi transversal, com instrumento de pesquisa contendo 57 perguntas extraídas de um questionário desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde. Para o levantamento de dados, considerou-se uma amostragem aleatória sistemática, tendo sido entrevistadas, em 2007, 278 mulheres que tiveram parceiros íntimos alguma vez na vida. As prevalências das violências de natureza física, psicológica, sexual e física ou sexual ocorridas nos últimos 12 meses foram estimadas, e a presença dessas violências foi relacionada com variáveis agrupadas segundo o modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner, em quatro níveis – pessoa, processo, contexto e tempo. Para analisar essas associações, utilizou-se o teste qui-quadrado e regressão logística multivariada. De acordo com os resultados dessas análises, as variáveis significativamente associadas a todos os três tipos de violência nos últimos 12 meses foram: comportamentos de controle, relacionamento extraconjugal, uso de droga e episódios de embriaguez.

Palavras-Chaves: Violência contra mulher, parceiro íntimo, gênero e masculinidade.

[†] Trabalho apresentado no IV Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Havana, Cuba de 16 a 19 de Novembro de 2010.

[‡] Universidade de Brasília (UnB). lmoura@unb.br

[§] Universidade de Brasília. (USP). nogales@unb.br

Introdução

Historicamente a sociedade brasileira tem lidado com o fenômeno da violência contra a mulher como se ele pertencesse a uma esfera exclusivamente privada e somente a partir dos anos 1970 é que o tema foi agendado politicamente pelas organizações internacionais e posteriormente pelas nacionais que trabalham na defesa dos direitos da mulher. A própria expressão “violência cometida por parceiro íntimo” (VPI) foi cunhada ao final do século XX e incorporada nos relatórios dessas organizações.

Na contemporaneidade é essencial melhor compreender o fenômeno das violências nas relações de intimidade e na constituição das subjetividades e inter-subjetividades da pluralidade do que é representado pelos discursos acerca do feminino e do masculino. A VPI é uma forma de violência baseada em gênero num contexto de relações produzidas por um sistema social de opressão baseado na assimetria hierárquica do gênero masculino. A categoria gênero tem como núcleo duro os estereótipos ligados à masculinidade e o sistema de dominação masculina e subordinação feminina naturalizado no social. Essa categoria auxilia na descrição dos sistemas sociais que contribuem para a manutenção das relações assimétricas entre homens e mulheres. Huniccut (2009) ressalta que existe uma ampla variedade de manifestações da assimetria de gênero entre diferentes culturas e que existem labirintos das dinâmicas do poder que modelam o mundo social. Na mesma perspectiva, Butler (2003) afirma que há diferentes matrizes de gênero e é preciso compreender que ao mencionarmos “feminino” ou “masculino” corremos o risco de “essencializar” um conjunto de comportamentos como descritivos, ou quase prescritivos, para cada uma dessas categorias. Neste sentido, é importante desmistificar a noção de que existe uma forma única de feminilidade e masculinidade. Co-existe no nosso país um sistema patriarcal e ao mesmo tempo um processo civilizatório de construção de relações mais permeáveis à necessidade de equidade nas interações íntimo-afetivas entre parceiros. As VPIs negam espaço para o conflito e marcam a ruptura das relações dialógicas entre o gênero feminino e o masculino.

Este artigo adota a perspectiva da terceira onda do movimento feminista que enfatiza a resistência da mulher à violência como “sobrevivente” ao invés de “vítima”, uma vez que a posição de sobrevivente reforça a resistência, resiliência e nega a passividade que o termo “vítima” lhe confere (WANG e YING HO 2007). Dunn (2005) afirma que vítima descreve uma posição estática para pessoas que não têm saída, mostrando que a mulher está permanentemente presa em uma situação de dominação que não lhe permite resistir. A violência será analisada como uma relação de força em que diferenças são convertidas, por intermédio de um sistema hierárquico de assimetria de poder, em desigualdades com o objetivo de produzir dominação, exploração e opressão dos subordinados. A ação violenta “coisifica” as pessoas e desumaniza as relações.

O presente trabalho descreve parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objeto as violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres residentes em uma área urbana do Distrito Federal (MOURA; GANDOLFI; VASCONCELOS; PRATESI, 2009). No campo das violências interpessoais a pesquisa selecionou um tipo específico: a violência que é cometida contra a mulher pelo seu parceiro íntimo, a saber, pelo marido, companheiro, namorado ou qualquer outro parceiro do sexo masculino com quem ela desenvolve relações íntimas afetivas. A violência contra a mulher perpassa as diferentes condições sociais, étnicas e religiosas e no contexto internacional, nacional e local tem apresentado uma magnitude diversa entre os grupos populacionais. (ELLSBERG; JANSEN; HEISE; WATTS; GARCIA-MORENO, 2008, HEISE 2002, VENTURI 2001)

A prevalência das violências física e/ou sexual publicadas nos estudos internacionais varia de 15,4% a 70,9% para ocorrências de ao menos um episódio violento cometido pelos parceiros íntimos (WHO, 2005). No Brasil, estudos têm relatado uma acentuada prevalência

da VPI com altos números para violência física, sexual e psicológica (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; FRANÇA-JUNIOR; DINIZ; PORTELLA; LUDERMIR; ET AL, 2007; GALVÃO e ANDRADE 2004). O presente estudo representa uma contribuição para a compreensão de uma realidade local que não dispunha de nenhum dado acerca da ocorrência do fenômeno e auxiliará a elaboração de políticas públicas específicas para o enfrentamento do problema.

Os objetivos deste trabalho foram o de descrever a prevalência das violências psicológicas, físicas e sexuais praticada por parceiros íntimos nos últimos 12 meses contra mulheres de 15 a 49 anos de idade residentes numa localidade da Área Metropolitana de Brasília chamada Varjão no Distrito Federal e investigar as associações dessas variáveis-desfecho com variáveis explicativas do modelo ecológico.

Método

A escolha da localidade do Varjão para a realização da pesquisa deveu-se por ela simbolizar o processo de ocupação territorial de Brasília, capital federal, construída sob o ideário de uma “cidade viva e aprazível” (COSTA, 1987), mas que, como as demais áreas metropolitanas brasileiras, tornou-se num espaço marcado por profundas desigualdades, onde os conflitos são, cotidianamente, mediados pelo uso da violência., como o caso das violências praticadas nos relacionamentos íntimos afetivos.

O critério de inclusão utilizado foi qualquer mulher entre 15 e 49 anos de idade, faixa etária classificada como idade reprodutiva, que residia no Varjão há pelo menos um mês.

O instrumento utilizado neste estudo totalizou 57 questões de um instrumento desenvolvido para o estudo multipaíses realizado pela OMS. (WHO, 2005)

Para a obtenção do tamanho da amostra considerou-se um processo de Amostragem Aleatória Simples, tendo como principal medida a ser estimada a “Proporção de mulheres que sofreram violências por parceiros íntimos”. O tamanho mínimo da amostra obtida foi de 257 mulheres considerando que: o censo 2000 enumerou 1688 mulheres de 15 a 49 anos (N), uma prevalência da violência contra mulher cometida por parceiro íntimo de 27% (WHO, 2005), um erro amostral de 5 pontos percentuais e uma confiança de 95%. Considerando-se uma margem de segurança de 17%, o tamanho final da amostra foi de 300 mulheres a serem entrevistadas. Para operacionalizar a coleta de dados, o esquema de amostragem utilizado foi o de amostragem aleatória sistemática (IBGE, 2005), tendo-se como fração amostral 1/6 ou 16,7%. Foi entrevistada apenas uma mulher, escolhida ao acaso, para cada domicílio selecionado na amostra.

Foram analisadas as prevalências das violências de natureza psicológica, física e sexual nos últimos doze meses que antecederam a entrevista com as mulheres.

As variáveis selecionadas a partir da lógica do modelo ecológico descreve múltiplos níveis de fatores inter-relacionados e provenientes de sistemas configurados da micro até a macrodimensão. As variáveis explicativas foram agrupadas considerando o modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner (1992), em quatro níveis – pessoa, processo, contexto e tempo:

Pessoal: nesse nível, privilegiamos as características sociodemográficas da mulher e do parceiro. As variáveis da entrevistada foram: escolaridade, idade, religião, estado civil, número de casamentos, ocupação, tempo de moradia no Varjão, local onde foi criada (onde passou os primeiros 12 anos da vida). Além disso, foram incluídas características do parceiro, denominadas variáveis relacionais, uma vez que gênero é uma categoria relacional, que estavam presentes no instrumento de coleta de dados: escolaridade, idade, ocupação, uso de bebidas e frequência do uso de drogas.

Processual: os processos proximais são caracterizados como os “motores” das interações. Como os atos violentos analisados são aqueles praticados pelo homem contra a mulher,

incluímos aqui as variáveis processuais relacionadas ao parceiro na tentativa de captar nuances desses atos. São elas: relações extraconjugais do parceiro, história de brigas do parceiro com outros homens e comportamentos de controle do parceiro.

Contextual: há vários níveis de contexto – microsistema, endossistema, exossistema e macrosistema. No microsistema analisamos algumas variáveis que participam do contexto dinâmico das microinterações no espaço – físico e simbólico – da moradia. Nível das interações mais diretas. As entrevistas foram feitas com mulheres que ocupavam um espaço domiciliar e descreviam suas experiências e vivências dentro e fora desse espaço. São variáveis que possuem um caráter relacional e que não foram citadas no nível pessoal exposto anteriormente, mas que participam no “espaço” das interações do microsistema. Como o microsistema acontece em relação a um espaço, o espaço focado foi o local de habitação da mulher. Não incluímos, por exemplo, outros microsistemas como o trabalho ou a escola. Coletamos informações sobre a chefia da moradia, o número de pessoas na residência, os problemas familiares decorrentes do uso de bebida e os problemas financeiros decorrentes do uso de bebida. No mesossistema incluímos algumas variáveis que abrangem características pessoais, mas interagem nos múltiplos microsistemas e transcendem as características sociodemográficas. Essas variáveis são apresentadas aqui, pois de acordo com o modelo ecológico elas participam da “história de vida”, do entorno da vida da mulher e podem servir ou não de proxy para outras violências. Essas histórias participam direta ou indiretamente nas vivências dessa mulher e interagem no nível pessoal, processual e nos diferentes sistemas do nível contextual ainda que essa interação varie de mulher para mulher em intensidade e extensão. São elas: apoio da família para a mulher em caso de necessidade, história de abuso sexual infantil quando a entrevistada era menor de 15 anos, história de violência sexual praticada quando a entrevistada era maior de 15 anos e história de violência física praticada quando a entrevistada era maior de 15 anos – todas as violências praticadas por familiares, conhecidos ou desconhecidos. O exossistema inclui a atitude da comunidade em caso de briga na rua ou outro episódio de agressão física e o grau de conhecimento entre os membros da comunidade (existência de relacionamento entre vizinhos) e finalmente o macrosistema envolve a preocupação com o nível de criminalidade na comunidade e entre os vizinhos percebido pela mulher. Inclui ainda, as opiniões e percepções baseadas em estereótipos de gênero e na essencialização da masculinidade presentes nas opiniões das mulheres.

Temporal: situa a pesquisa no seu espaço histórico. A dimensão temporal permite visualizar historicamente as mudanças dos papéis - geracionais que sofrem alterações durante o tempo. Inclui o microtempo e o mesotempo. O microtempo envolve a ocorrência e frequência das violências nos últimos 12 meses e o mesotempo é representado pela ocorrência e frequência das violências ao longo da vida. Para efeito deste artigo apenas a dimensão do microtempo será apresentada.

Utilizou-se o teste qui-quadrado com nível de significância 0,05 para verificar a relação entre as violências e as variáveis explicativas. Além disso, foi realizada regressão logística multivariada para cada tipo de violência. Apresentaremos para cada variável desfecho (violência psicológica, física e sexual) os fatores que estatisticamente se mostraram significativos na dinâmica de sua ocorrência.

Os pressupostos éticos da Resolução 196 / 96 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados e as entrevistas foram realizadas quando as entrevistadas afirmavam que não estavam em risco ao responder às questões que envolviam os episódios de violência. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília em janeiro de 2007.

Resultados

Quanto às características sociodemográficas, 45% das mulheres entrevistadas tinham entre 25 e 34 anos, 62% possuíam apenas ensino fundamental incompleto e 58% declararam estar desempregada ou a procura de um emprego (TABELA 1).

A região mais frequente de procedência das entrevistadas foi o Nordeste brasileiro, com 48,6% das mulheres, sendo 28,3% delas migrantes do estado da Bahia. Apenas 10% das entrevistadas eram moradoras nativas do Varjão..

Das 278 mulheres, 262 (94%) já haviam engravidado pelo menos uma vez na vida sendo que 24 estavam grávidas no período da entrevista.

Quanto aos parceiros, a idade mediana foi de 32 anos e a precariedade da escolaridade foi ainda maior com 71% deles apresentando apenas ensino fundamental incompleto. Em relação ao consumo de bebida alcoólica, 12% das mulheres afirmaram que seus parceiros faziam uso todos os dias ou quase todos os dias, e 49% delas relataram que o parceiro bebia moderadamente (duas ou três vezes por semana).

A Tabela 1 mostra ainda que 11% das mulheres declararam que seus parceiros eram usuários de drogas ilícitas, e 19% revelaram que eles já haviam feito uso desse tipo de substância no passado. Ainda que 77% afirmassem que seus parceiros exerciam atividade laboral, 91% deles prestavam serviços não especializados e menos de um terço possuía vínculo empregatício com carteira assinada (29%).

A chefia masculina é relatada por 49% das mulheres, a feminina por 36% e a chefia compartilhada foi declarada pelos outros 15%. Finalmente, o número de pessoas na moradia variou entre 1 a 9 pessoas e a distribuição foi de: 1 a 2 (11%), 3 a 4 (55%) e 5 ou mais (34%).

Foram encontradas as seguintes prevalências de violência nos últimos 12 meses: para a violência psicológica, de mais elevada prevalência, foi de 50% (IC 95%: 44,1% – 55,9%). A violência física teve uma prevalência de 32,4% (IC 95%: 26,9% - 37,9%), sendo seguida pela violência sexual, 15,5% (IC95%: 11,2% - 19,8%). Além disso, a forma de violência psicológica com maior prevalência nos últimos 12 meses foi o insulto (n = 109; 39%); os atos de violência física que são considerados como moderados que apresentaram maior prevalência foram os empurrões ou chacoalhões (n = 72; 26%); os socos ou o arremesso de objetos, classificados como violência grave, tiveram a maior prevalência (n = 47; 17%); ter relação sexual por medo do parceiro apresentou a maior prevalência entre os atos classificados como violência sexual (n = 63; 23%). Um elevado percentual de 65% das mulheres que sofreram essa forma de violência afirma que ocorrem muitos episódios de relação sexual devido ao temor do que o parceiro possa fazer com elas.

Apresentaremos a seguir a prevalência de alguns comportamentos dos parceiros relatados pelas mulheres entrevistadas e descritos no nível processual do modelo ecológico. Observa-se que 48% dessas mulheres narram a ocorrência de relacionamento extraconjugal pelo parceiro com outras mulheres. Quando perguntadas sobre a existência de comportamentos controladores adotados pelo parceiro atual ou mais recente, 36% das mulheres afirmaram que os parceiros procuravam evitar que elas visitassem ou vissem amigos e 45% insistiam em saber onde a parceira estava o tempo todo. Além disso, 52% ficavam zangados se elas conversassem com outros homens. Apenas 21% das mulheres negaram que seus parceiros utilizavam qualquer um desses comportamentos de controle no relacionamento com elas e 29% das entrevistadas alegaram que seus parceiros utilizavam quatro ou mais tipos desses comportamentos de vigilância e domínio. Finalmente, quando perguntadas sobre a história de agressividade do parceiro com outros homens, 35% relataram que eles tiveram episódio recente ou no passado de agressão física com homens.

Quanto às variáveis que expressam atitudes com relação aos “papéis” baseados em gênero nas opiniões das mulheres, 45% das participantes concordam com a frase “as esposas

devem obedecer a seus maridos mesmo sem concordar com eles”. No entanto, 96% delas discordaram que a desobediência fosse uma razão válida para que os companheiros praticassem violência contra elas. Em relação a problemas familiares, 72% das mulheres afirmaram que estes deviam ser discutidos apenas com membros da família. Entretanto, quando perguntadas se outras pessoas de fora da família deveriam interferir quando o parceiro maltratasse a esposa, 39% concordaram com isso. Apenas 8% responderam acreditar que seria obrigação da mulher ter relação sexual com seu esposo mesmo quando ela não estivesse com vontade e 30% declararam que “mostrar quem é que manda no relacionamento” era uma coisa importante para o homem. Finalmente, menos da metade das entrevistadas (48%) declarou acreditar que a mulher deveria escolher seus amigos ainda que o marido discordasse.

A Tabela 2 mostra os resultados da análise aplicada à variável *violência psicológica que ocorreu nos últimos doze meses* como desfecho e variáveis do modelo ecológico como explicativas. O modelo final mostrou que permaneceram apenas as variáveis relacionadas aos parceiros. São elas: uso de droga (OR 2,00), episódios de embriaguez (OR 1,39 para episódios mensais e 2,14 para episódios semanais), infidelidade conjugal (OR 3,34) e comportamentos de controle (OR 16,41 para 4 ou mais controles e OR 5,84 para 1 a 3 comportamentos).

Quanto à violência física ocorrida nos últimos doze meses, o modelo de regressão logística revelou apenas três fatores – comportamentos de controle, relacionamento extraconjugal e uso de drogas – sendo que os dois primeiros já haviam sido constatados na tabela anterior quando descrevia os fatores relacionados com a violência psicológica. Entretanto, a tabela 4 mostra uma diferença na razão de chance desses fatores. As mulheres que sofreram violência física recente relataram 7 vezes mais (OR =7.0) a ocorrência da infidelidade conjugal pelos parceiros e 16 vezes mais o uso de 4 ou mais tipos de comportamentos de controle do parceiro (TABELA 3).

Na análise da ocorrência de violência sexual nos últimos doze meses, quatro variáveis relacionadas ao parceiro mostraram-se significativas. Duas pessoais – uso de droga e episódios de embriaguez – e duas do nível processual – infidelidade conjugal e comportamentos de controle. Mulheres que relataram que seus parceiros tiveram episódios semanais de embriaguez tiveram 8,86 vezes mais chance de sofrerem violência sexual nos últimos doze meses do que nos casos em que não houve nenhum episódio de embriaguez. Além disso, mulheres cujos parceiros foram descritos como usuários de droga tiveram 4,79 vezes mais chance de terem sofrido esse tipo de violência. Em relação aos relacionamentos extraconjugais, mulheres cujos parceiros têm ou tiveram relacionamentos com outras mulheres apresentaram 2,58 mais chance de terem sofrido violência sexual recentemente, ou seja, nos últimos doze meses antes da entrevista (TABELA 4).

Finalmente, observando o Quadro que apresenta a associação dos tipos de violências cometidos por parceiros íntimos nos últimos doze meses com variáveis explicativas do modelo ecológico podemos também perceber que as variáveis do nível contexto não apareceram nas violências praticadas pelo parceiro nos últimos doze meses. As variáveis explicativas que apresentaram nível de significância em todos os tipos de violência foram três: uma do nível pessoal relacionada ao parceiro, que foi o uso de droga; e duas do nível processual, relacionadas aos comportamentos de controle e relacionamentos extraconjugais do parceiro. Essas duas variáveis do nível processual estão relacionadas às interações do parceiro com mulheres – quer seja a entrevistada quer seja a “outra” na vida dele – e aponta para a possibilidade de que outras formas de violência ou mesmo outros casos de violência estejam ocorrendo com as outras parceiras desse homem. Chama a atenção o fato de que não houve uma única variável relacionada às características da mulher associada com a ocorrência de qualquer tipo de violência nos últimos doze meses (QUADRO).

Discussão

A VPI, multideterminada e polissêmica, descreve um fenômeno que envolve toda a sociedade e suas múltiplas dimensões – social, econômica, cultural – e a constituição das subjetividades e o modo como se estruturam as relações entre homens e mulheres no âmbito íntimo-afetivo.

O estudo apresentou, de maneira descritiva, alguns resultados relacionados aos atos de violência sofridos pela mulher, inscritos em seus próprios corpos, nas suas relações heterossexuais íntimo-afetivas. São corpos que também “contam” suas histórias de violações, lesões e agressões. Esses resultados mensuram parte da magnitude das punições sofridas num corpo coisificado e disciplinado onde o parceiro do sexo masculino busca, por intermédio dos implementos da violência, a subjugação das vontades e o cerceamento da liberdade.

As prevalências de violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres do Varjão revelam que no cerne da questão abordada encontram-se seres humanos em estado de vulnerabilidade e precariedade da integridade física, psicológica e existencial que estão vivendo processos de controle e violências graves e freqüentes. O uso da força coercitiva e punitiva em forma de abuso psicológico, força física e violações sexuais expressaram o tamanho do *gap* – da distância - a ser trilhada rumo à civilidade humana. Os números e as vozes que contam suas histórias precisam despertar estranhamento e desconforto no pesquisador, na comunidade estudada e seus atores, na cidade onde ela está inserida e na sociedade brasileira como um todo.

Nos 12 meses anteriores à entrevista, a violência física relatada pelas mulheres do Varjão foi de 32,4%, índice maior que aqueles encontrados nas 15 regiões do estudo multicêntrico desenvolvido pela OMS (2005), cuja prevalência mais alta foi registrada num distrito rural da Etiópia, com 29% de prevalência. O estudo da OMS relatou ainda uma prevalência de violência sexual que variou entre 44,4% na Etiópia e 1,1% na Sérvia. Já a prevalência encontrada no Varjão, de 15,5% nos últimos 12 meses, equipara-se à encontrada na província rural da Tailândia (15,6%).

As prevalências encontradas no presente estudo precisam ser analisadas a partir da interface da ecologia humana com os territórios de vida marcados pela assimetria dos espaços ocupados por mulheres e homens no processo de territorialização. O Varjão é um espaço onde quase três quartos da população estudada acreditam que os problemas familiares devem ser discutidos apenas com membros da família. Além disso, quase metade das entrevistadas relatou não contar com o apoio de familiares e nem com a iniciativa da comunidade local para parar brigas que ocorram na vizinhança. Estudo anterior descreveu a experiência de famílias nas quais se constatou que a violência contra a mulher estava associada à interrupção das dinâmicas familiares e à redução do apoio oferecido pelos membros da família (RABELLO e CALDAS, 2007).

Os dados estatísticos revelam que os fatores associados às violências psicológica, física e sexual praticada contra a mulher nos últimos doze meses foi o uso de comportamentos de controle pelo parceiro, sendo seguido em segundo lugar pelos relacionamentos extraconjugais. Ambos são fatores pertencentes ao nível processual na perspectiva ecológica. Para Bronfenbrenner (1992) no nível processual ocorre uma “transferência de energia entre seres em interação”, entre pessoas e os símbolos presentes nos diversos ambientes. Nesse sentido, podemos perceber que a chave de interpretação para esses dados é a imbricação do conceito relacional de gênero e masculinidade que encontra nos comportamentos de controle, uma forma de linguagem, um processo comunicativo, que interage com outras variáveis, de maneira direta ou indireta, e produz cenários de violências múltiplas baseadas em relações de poder. Os comportamentos de controle são discursos de delimitação de posse e de estabelecimento de propriedade e são acompanhados dos implementos do uso da força

ilegítima. Esses comportamentos são considerados elementos do núcleo central das violências praticadas por parceiros íntimos (REED, 2008)

A partir desta afirmação, de que os comportamentos de controle são discursos, podemos afirmar que não existe discurso que não tenha uma origem. Esses discursos estão alicerçados na construção social acerca da masculinidade e na *proxy* que essa identidade genérica masculina concede para o estabelecimento da dominação. Essas relações de poder manifestam-se dissimuladas como atitude de “afetividade” e de “amor”. Neste sentido, o controle passa a ser visto como *ciúme* (por isso o parceiro não quer que a mulher converse com outro homem ou que tenha amigos), preocupação (por isso o parceiro quer saber onde ela está o tempo todo), *interesse* (por isso o parceiro quer que ela comunique antecipadamente quando precisar ir ao médico ou procurar os serviços de saúde). Os comportamentos de controle registrados neste estudo colocam em cena processos comunicativos de posse. O sujeito que está em ação nos cenários das violências psicológicas, físicas e sexuais é um sujeito que quer deter o controle e as decisões relacionadas à mulher: quer definir com quem ela pode se relacionar e estabelecer fronteiras e limites para as relações da mulher com amigos e familiares. Assim, estas relações vão se tornando cada vez mais reduzidas e vigiadas. Todos os comportamentos de controle investigados buscavam perscrutar a existência dessas relações de poder no cotidiano de vida da mulher. Essa dinâmica de violência acontece “num cenário de liquidez” onde violências psicológicas, físicas e sexuais são potencializadas por comportamentos de controle do parceiro relacionados aos estereótipos de uma masculinidade essencializada no cotidiano dos comportamentos de mulheres e homens (MOURA e MOURA, 2009). Na área da saúde, são inúmeras as conseqüências da ocorrência da VPI nos relacionamentos íntimos afetivos. Essa dinâmica violenta atinge a saúde de mulheres e homens em todas as dimensões da condição humana. Santana et al (2006) relata que a ideologia da masculinidade tradicional está associada às VPIs e outros problemas como por exemplo um maior risco às infecções sexualmente transmitidas e recomendam que a questão da interface entre gênero e sexualidade seja conceitualmente pesquisada para permitir avanços conceituais no estudo das masculinidades.

Por tratar-se de um estudo envolvendo violência nos relacionamentos íntimo-afetivos, uma das limitações deste tipo de investigação é a não inclusão de ambos os parceiros na amostra. Acredita-se que as narrativas de homens e mulheres poderiam contribuir para aprofundar a dinâmica relacional das violências baseadas em gênero. Entretanto a inclusão de entrevistas com os parceiros poderia colocar em risco as mulheres entrevistadas que relatam sofrer atos de violência. Outra limitação é o próprio tamanho da amostra e delimitação transversal da pesquisa que não permitem análises robustas de causalidade do fenômeno.

A pesquisa revelou a alta prevalência de violências cometidas por parceiros que procuram negar a condição de “sujeito de direito” nas relações íntimo-afetivas das mulheres. Para reduzir esses índices é essencial o cultivo de uma cultura de tolerância zero à manutenção dessas dinâmicas violentas em todas as esferas da ecologia das relações humanas. É um trabalho individual e coletivo que exige uma maior consciência de que essas violências não estão invisíveis no cotidiano dos profissionais das diversas áreas do saber. A família, os filhos, os cuidadores do sistema de saúde e da educação e a comunidade como um todo escutam relatos desses atos. A constatação das altas prevalências de VPI revela uma situação clara de desvio e anomia no processo civilizatório e precisam ser urgentemente endereçadas nas políticas públicas locais. Estudos na área da masculinidade e saúde poderiam em muito contribuir para revelar as conseqüências nas dimensões da ecologia das relações nas perspectivas individuais, familiares, comunitárias e societária.

Referência

1. BRONFENBRENNER, U. Ecological system theory. In: VASTA R. (org.). **Six theories of child development**. London: Jessica Kingsley; 1992, p. 187-243.
2. DUNN, J. L. Victims” and “survivors”: Emerging vocabularies of motive for “battered women who stay. **Sociological Inquiry**, n. 75 (1), p. 1-30, 2005.
3. ELLSBERG M, JANSEN HA, HEISE L, WATTS CH, GARCIA-MORENO C. Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence: an observational study. **Lancet**, n. 371(9619), p. 1165-72, 2008.
4. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de indicadores sociais 2004. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.
5. GALVÃO EF, ANDRADE S.M. Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do sul do Brasil. **Saude Soc**, n. 13(2), p. 89-99, 2004.
6. HEISE L, GARCIA-MORENO C. Violence by intimate partners. In: KRUG EG, DAHLBERG LL, MERCY JA, et al, eds. World report on violence and health. Geneva: World Health Organization, 2002.
7. HUNNICUT G. Varieties of patriarchy and violence against women: resurrecting “Patriarchy” as a theoretical tool. **Violence Against Women**, n. 15 (5), p. 553-573, 2009.
8. MOURA, L. B. A., GANDOLFI L., VASCONCELOS A. M. N., PRATESI, R. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo vol.43 n. 6, p. 944-953, 2009.
9. MOURA, L. B.A., MOURA, B. A. Reflexões sobre conjugalidade violenta na condição moderna. In: LIMA, F.R; SANTOS, C.; (orgs): **Violência doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar**. Brasília: LúmenJuris editora; 2009, p. 183-194.
10. RABELLO, P.M., CALDAS, A.F.J. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. **Rev. Saúde Pública**, n. 41(6), p. 970-978, 2007.
11. REED E. Intimate partner violence: a gender-based issue? **Am J Public Health**. n. 98(2), p. 199-9, 2008.
12. SANTANA MC, RAJ A, DECKER MR, LA MARCHE A, SILVERMAN JG. Masculine gender roles associated with increased sexual risk and intimate partner violence perpetration among young adult men. **J Urban Health**.. 83 (1). p 575–585, 2006
13. VENTURI G, RECAMAN M, OLIVEIRA S. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2001.
14. WANG X , YING Ho PS. Violence and Desire in Beijing: A Young Chinese Woman's Strategies of Resistance in Father-Daughter Incest and Dating Relationships. **Violence against women**, n.13 (12), p. 1319-1338, 2007.

15. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women. Geneva: WHO; 2005.

TABELA 1 - Características sociodemográficas das mulheres entrevistadas e seus parceiros segundo nível pessoal do modelo ecológico. Varjão, Distrito Federal, 2007 (n = 278)

Variável	n	%
Nível Pessoal - Entrevistada		
<u>Faixa etária (anos)</u>		
15 a 24	71	25
25 a 34	125	45
35 a 49	82	30
<u>Nível de instrução (anos de estudo)</u>		
Menos de 4	72	26
4 a 7	101	36
8 a 10	68	24
11 ou mais	37	13
<u>Estado civil</u>		
Casada atualmente/vivendo com um homem/tem parceiro sexual	230	83
Casada anteriormente/viveu com um homem	48	17
<u>Número de casamentos</u>		
Até 1 casamento	199	72
2 ou mais	79	28
<u>Condição de atividade</u>		
Trabalhando	102	37
Procurando trabalho/desempregada	160	58
Inativa	16	5
<u>Religião</u>		
Católica	143	51
Evangélica	80	29
Não tem religião	48	17
Outra religião	7	3
<u>Tempo de Moradia no Varjão (anos de moradia)</u>		
Menos de 1 ano	12	4
1 a 5	68	25
6 ou mais	198	71
<u>Local onde foi Criada (Primeiros 12 anos de vida)</u>		
No Varjão	49	18
Em outro local de Brasília	21	8
Em outro estado	208	75
Nível Pessoal - Parceiro		
<u>Faixa etária (anos)</u>		
15 a 24	58	21
25 a 34	112	40
35 a 49	91	33
50 ou mais	17	6

Continuação**TABELA 1** - Características sociodemográficas das mulheres entrevistadas e seus parceiros segundo nível pessoal do modelo ecológico. Varjão, Distrito Federal, 2007 (N = 278)

<u>Nível de instrução (anos de estudo)</u>		
Menos de 4	101	36
4 a 7	96	35
8 a 10	44	16
11 ou mais	37	13
<u>Condição de atividade</u>		
Trabalhando	213	77
Procurando trabalho/desempregado	48	17
Inativo	17	6
<u>Frequência do uso de bebidas</u>		
Freqüentemente	32	12
Moderadamente	136	49
Raramente	31	11
Nunca	78	28
<u>Uso de droga ilícita</u>		
Usa atualmente	30	11
Usou no passado	189	68
Nunca usou	53	19

Fonte: Pesquisa Ecologia das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres, Varjão, Distrito Federal, Brasil, 2007.

TABELA 2. Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência psicológica nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
<u>Uso de droga pelo parceiro</u>		
Não usa droga	1,00	-
Usuário ou ex-usuário de droga	2,00	3,88 – 3,88
<u>Episódios de embriaguez</u>		
Nunca houve episódios de embriaguez	1,00	-
Episódios mensais	1,39	0,67 – 2,92
Episódios semanais	2,14	0,97 – 4,75
Nível Processual - Parceiro		
<u>Número de comportamentos de controle</u>		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	5,84	2,26 – 15,14
4 ou +	16,31	5,69 – 46,71
<u>Relacionamento extraconjugal</u>		
Não	1,00	-
Sim	3,15	1,73 – 5,72

Fonte: Pesquisa Ecologia das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres, Varjão, Distrito Federal, Brasil, 2007.

TABELA 3 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
<u>Uso de droga pelo parceiro</u>		
Não usa droga	1,00	-
Ex- usuário	1,25	0,56 – 2,79
Usuário	7,00	2,28 – 21,42
Nível Processual - Parceiro		
<u>Relacionamento extraconjugal</u>		
Não	1,00	-
Sim	7,19	3,50 – 14,79
<u>Número de comportamentos de controle</u>		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	3,03	0,83 – 11,01
4 ou +	15,72	4,21 – 58-62

Fonte: Pesquisa Ecologia das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres, Varjão, Distrito Federal, Brasil, 2007.

TABELA 4 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência sexual nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
<u>Episódios de embriaguez</u>		
Nunca houve episódios de embriaguez	1.00	-
Episódios mensais	5.90	2.01 – 17.31
Episódios semanais	8.86	3.21 – 24.45
<u>Uso de droga pelo parceiro</u>		
Não usa droga	1.00	-
Ex-usuário de droga	2.52	1.28 – 6.20
Usuário	4.79	1.74 – 13.17
Nível Processual - Parceiro		
<u>Relacionamento extraconjugal</u>		
Não	1.00	-
Sim	2.58	1.10 – 6.04
<u>Número de comportamentos de controle</u>		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	3,03	0.83 – 11.01
4 ou +	15.72	4.21 – 58.62

Fonte: Pesquisa Ecologia das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres, Varjão, Distrito Federal, Brasil, 2007.

QUADRO - Associação dos tipos de violências cometidos por parceiros íntimos nos últimos doze meses com variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

VPI nos últimos doze meses e fatores associados

Violência Psicológica	Violência Física	Violência Sexual
<u>Pessoal - Parceiro:</u>	<u>Pessoal - Parceiro:</u>	<u>Pessoal - Parceiro:</u>
Uso de droga Episódios de embriaguez	Uso de droga	Uso de droga Episódios de embriaguez
<u>Processual:</u>	<u>Processual:</u>	<u>Processual:</u>
Comportamentos de controle Relacionamento extraconjugal	Comportamentos de controle Relacionamento extraconjugal	Comportamentos de controle Relacionamento extraconjugal

Fonte: Pesquisa Ecologia das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres, Varjão, Distrito Federal, Brasil, 2007.

ABSTRACT

This *descriptive and exploratory* research aimed to analyze intimate partner gender-based violence committed by intimate partners against women aged 15 to 49 years living in an economically vulnerable area. A cross-sectional study design was selected and interviews were performed with 278 women aged between 15 and 49 years, who had had at least one male intimate partner in their lives and lived in a metropolitan area of the city of Brasília, DF, Brazil, called Varjão, in 2007. Systematic random sampling process was used. The research instrument consisted of a questionnaire with 57 questions, developed by the World Health Organization. Prevalence of psychological, physical, and sexual violence in the last twelve months were analyzed. Independent variables were organized by the ecological theory proposed by Bronfenbrenner and four levels were considered: Person, Process, Context, and Time. Ethical measures to maintain the women safe from further abuses were taken. Initially, chi-square test with significance level of 0.05 were used to test the relationship between the three types of dependent variable and the exploratory variables. Also, odds-ratio and confidence interval of 95% were used to test association between dependent and independent variables selected from the data instrument. Results points out that the highest prevalence was that of psychological violence: 50% (n=139) of the women interviewed reported at least one act in the last 12 months. Prevalence of physical violence was 32% in the last 12 months, whereas sexual violence was 15.5%. Multiple levels logistic regressions show that variables from the process level were present in all final models of the analyses. Partner's controlling behavior and infidelity were highly associated with all types of violence ($p = < 0,05$ were considered). The high prevalence of violence shows the magnitude of the vulnerability and violation of women's right in their relationships with intimate partners. Masculinity attitudes and intimate relationship needs to be further investigated in gender researches.

DESCRIPTORS: Battered Women. Violence Against Women. Gender and masculinity.